

A CONTRIBUIÇÃO MARXIANA PARA PENSAR O SUICÍDIO NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

Arnaldo Oliveira Rodrigues¹

Resumo

O suicídio intriga as populações há muito tempo, desde os primórdios. Houve diversos posicionamentos sobre ele ao longo dos tempos (permissão, facilitação, repreensão, proibição). Atualmente se converteu em questão de saúde pública e interessa a diversos atores sociais: psicólogos, psiquiatras, antropólogos, sociólogos. Devido a importância do tema, no presente trabalho tenho a pretensão de compreender e discutir o suicídio na sociedade brasileira, partindo de uma referência não tão estudada que é "*Sobre o suicídio*", obra de Marx, datada de 1846, com tradução para o português em 2006. O artigo é uma revisão narrativa de literatura, trazendo autores como Martineau ([1838]/2021), Durkheim ([1897]/2019), Marx ([1846]/2006), Lima (2022), dentre outros, discutindo, portanto, autores clássicos e contemporâneos. Os achados deste artigo mostram uma articulação dos autores para pensar o suicídio como tendo causas sociais. Marx tem contribuições significativas, tais como articular privado e político no caso do suicídio, falar de prevenção e de transformação social.

Palavras-chave: Martineau, Durkheim, Marx, suicídio.

Marx's contribution to thinking about suicide in contemporary Brazil

Abstract

The suicide has intrigued people since the dawn of time. Throughout history, it has been viewed in various perspectives (permission, facilitation, condemnation, prohibition). Today, it has become a public health issue and is of interest to various social actors: psychologists, psychiatrists, anthropologists, and sociologists. Due to the importance of the subject, in this study I aim to understand and discuss suicide in Brazilian society, drawing on a less-studied reference: Marx's "On Suicide," a work dated 1846, translated into Portuguese in 2006. The paper is a narrative literature review, with contributions from authors such as Martineau ([1838]/2021), Durkheim ([1897]/2019), Marx ([1846]/2006), and Lima (2022), among others, thus discussing both classical and contemporary authors. The results show that there is a correlation between the authors' views about suicide as socially caused. Marx makes significant contributions, such as relating private and political aspects in suicide context, and talks about prevention and social transformation.

Keywords: Martineau; Durkheim; Marx; Suicide.

La contribución marxista al pensamiento sobre el suicidio en el Brasil contemporáneo

Resumen

El suicidio ha intrigado a la población desde hace mucho tiempo, desde los albores de la humanidad. A lo largo de la historia se han adoptado diversas posturas al respecto (permisividad, facilitación, represión, prohibición). En la actualidad se ha convertido en una cuestión de salud pública y es objeto de

¹ Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Mestre em Desenvolvimento Social pela UNIMONTES. Especialista em Políticas Públicas e Intervenção Junto à Família pela EDUCCAPPE/ISEIB. Graduado em psicologia pela FASI.

A contribuição marxiana para pensar o suicídio no Brasil contemporâneo

interés para diversos actores sociales: psicólogos, psiquiatras, antropólogos y sociólogos. Debido a la importancia del tema, en el presente trabajo pretendo comprender y debatir el suicidio en la sociedad brasileña, partiendo de una referencia poco estudiada como es "Sobre el suicidio", obra de Marx, datada de 1846, traducida al portugués en 2006. El artículo es una revisión narrativa de la literatura, en la que se incluyen autores como Martineau ([1838]/2021), Durkheim ([1897]/2019), Marx ([1846]/2006) y Lima (2022), entre otros, discutiendo, por tanto, autores clásicos y contemporáneos. Los resultados de este artículo muestran una articulación de los autores para entender el suicidio como un fenómeno con causas sociales. Marx realiza contribuciones significativas, tales como articular lo privado y lo político en el caso del suicidio, hablar de prevención y de transformación social.

Palabras clave: Martineau; Durkheim; Marx; Suicidio.

Introdução

O suicídio intriga as sociedades e culturas há séculos, havendo diversos posicionamentos acerca dele ao longo do tempo (MINOIS, 2018; PRATS, 1987), variando desde visões proibitivas, repressivas até as visões permissivas e até facilitadoras. Estas visões contrastam entre si, uma vez que perpassam por ideias de culpabilização, pecado, fato valorado socialmente ou mesmo vinculado a traumas e questões de saúde mental.

Há na literatura em Saúde uma distinção entre comportamento suicida e suicídio, sendo aquele mais amplo que este. Tal diferenciação pode ser vista na definição de comportamento suicida, apresentada por Abreu *et al* (2010, p.196):

Uma ação na qual o indivíduo inflige-se dano (auto agressão), não importando o nível ou a razão genuína da ação. Uma definição ampla dessa forma permite que se conceitue o comportamento suicida por meio de um contínuo: os pensamentos de autodestruição, a auto-agressão, manifestada por gestos suicidas e tentativas de suicídio, e, finalmente, o próprio suicídio².

O suicídio, assim, é a última etapa do comportamento suicida, num *continuum* que começa com pensamentos de querer morrer. Durkheim, tido como o pai da Sociologia, foi um dos

² Esta definição de Abreu *et al* (2010, p.196) se embasa no texto de LUOMA, Jason B.; MARTIN, Catherine E.; PEARSON, Jane L. Contact with mental health and primary care providers before suicide: a review of the evidence. *American Journal of Psychiatry*, v. 159, n. 6, p. 909-916, 2002.

Disponível em:
https://www.researchgate.net/publication/11331338_Contact_With_Mental_Health_and_Primary_Care_Providers_Before_Suicide_A_Review_of_the_Evidence Acesso em: 15.jan.2026

A contribuição marxiana para pensar o suicídio no Brasil contemporâneo

primeiros a estudar suicídio nas Ciências Sociais e apresenta uma definição para ele, vista a seguir:

Todo caso de morte que resulta direta ou indiretamente de um ato, positivo ou negativo, realizado pela própria vítima e que ela sabia que produziria este resultado. A tentativa é o ato assim definido, mas interrompido antes que dele resulte a morte (DURKHEIM, 2019, p.14).

As definições mostram intencionalidade do ato, ação perpetrada pelo próprio sujeito, sabendo do resultado e independente da motivação de tal ato. Tais concordâncias mostram uma aproximação entre estes dois campos do saber, quais sejam: Saúde e Ciências Sociais. Embora o número de pesquisa sobre suicídio redunde naquela e seja escasso nesta (TAVARES; PEREIRA; RIBEIRO, 2020), há uma preocupação global com o tema (WHO, 2014). Neste sentido vale trazer a afirmação de Macho (2021, p. 136), ao estudar os suicídios entre crianças e jovens na Alemanha nazista, século XIX, ao afirmar que “todos os países da Europa e, até podemos deduzir sem hesitar, todos os países da Terra estão pagando um alto tributo a essa terrível forma de morte”, o que marca o caráter global do suicídio.

No presente trabalho tenho a pretensão de compreender e discutir o suicídio na sociedade brasileira, partindo de uma referência não tão estudada sobre o tema que é “*Sobre o suicídio*”, obra de 1846, tendo como pergunta: Qual a contribuição de Marx para pensar o suicídio no Brasil contemporâneo? Para isso, faço uma incursão em Martineau e Durkheim, que também estudaram o tema. Na sequência, faço uma análise da obra de Marx e, por fim, analiso as contribuições dele para o contemporâneo.

Metodologia

Este artigo se embasa numa pesquisa qualitativa, cuja abordagem é uma revisão narrativa. A pesquisa qualitativa é aquela que se debruça sobre um fenômeno, buscando compreendê-lo em profundidade, em suas diversas nuances e variáveis. Consoante a Martins (2004), a pesquisa qualitativa aproxima sujeito e fenômeno, para melhor entender este, sendo dever do pesquisador buscar compreender a realidade tal qual ela é.

CSOnline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais – nº41 (2026).

A contribuição marxiana para pensar o suicídio no Brasil contemporâneo

Rother (2007, p.v) faz uma distinção entre revisão narrativa e revisão sistemática, sendo aquela definida da seguinte maneira:

Duas categorias de artigos denominados de revisão são encontradas na literatura: As revisões narrativas e as revisões sistemáticas, que embora sob a denominação de Revisão, têm características e objetivos diferentes.

Os artigos de revisão narrativa são publicações amplas, apropriadas para descrever e discutir o desenvolvimento ou o "estado da arte" de um determinado assunto, sob ponto de vista teórico ou contextual. As revisões narrativas não informam as fontes de informação utilizadas, a metodologia para busca de referências, nem os critérios utilizados na avaliação e seleção dos trabalhos. Constituem³, basicamente, de análise da literatura publicada em livros, artigos de revista impressas e/ou eletrônicas na interpretação crítica pessoal do autor.

Essa categoria de artigos têm um papel fundamental para a educação continuada pois, permitem ao leitor adquirir e atualizar o conhecimento sobre uma temática específica em curto espaço de tempo; porém não possuem metodologia que permitam a reprodução dos dados e nem fornecem respostas quantitativas para questões específicas. São considerados artigos de revisão narrativas e são qualitativos.

Um artigo de Revisão Narrativa, é constituído de: Introdução, Desenvolvimento (texto dividido em seções definidas pelo autor com títulos e subtítulos de acordo com as abordagens do assunto), Comentários e Referências.

Como se percebe, a revisão narrativa é uma pesquisa qualitativa, obedecendo a menos rigores metodológicos do que uma revisão sistemática ou outras formas de pesquisa qualitativa tais quais a pesquisa documental, o estudo de caso e a etnografia, por exemplo (GODOY, 1995). É relevante para investigar os estudos em determinada área, para apresentar um ponto de vista sobre um tema específico, dentre outros. Rother (2007, p.vi) apresenta um quadro em que compara a revisão narrativa à revisão sistemática. Segue abaixo:

³BERNARDO, Wanderley Marques; NOBRE, Moacyr Roberto Cuce; JATENE, Fábio Biscegli. A prática clínica baseada em evidências. Parte II: buscando as evidências em fontes de informação. *Rev Assoc Med Bras*. 2004; 50 (1): 1-9.

CSOnline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais – nº41 (2025).

A contribuição marxiana para pensar o suicídio no Brasil contemporâneo

Quadro 1 - Diferenças entre revisão sistemática e revisão narrativa

Itens	Revisão Narrativa	Revisão Sistemática
Questão	Ampla	Específica
Fonte	Freqüentemente não-especificada, potencialmente com viés	Fontes abrangentes, estratégia de busca explícita
Seleção	Freqüentemente não-especificada, potencialmente com viés	Seleção baseada em critérios aplicados uniformemente
Avaliação	Variável	Avaliação criteriosa e reprodutível
Síntese	Qualitativa	Quantitativa *
Inferências	Às vezes baseadas em resultados de pesquisa clínica	Freqüentemente baseadas em resultados de pesquisa clínica
* Uma síntese quantitativa que inclui um método estatístico é uma metanálise. (Cook, 1997)		

Traduzido de: Cook D J. et. al. Ann Intern Med 1997;126:376-380

A partir desse quadro, tendo como base os autores Martineau, Durkheim e Marx, são apresentados outros leitores/comentadores destes autores para que fosse possível realizar aprofundamentos acerca do referido objeto de estudo deste trabalho. Assim é que são citados Jinkings (2006), Löwy (2006), Lima (2022), dentre outros. No presente artigo é realizada primeiramente uma aproximação com sociólogos clássicos que discutem o suicídio, pra compreendê-lo a partir de uma perspectiva histórica. Na sequência, após discutir os clássicos, é estabelecido um diálogo com Lima (2022), Brasil (2024), Löwy (2006), uma vez que é importante estabelecer esta ponte com autores contemporâneos e mobilizar novos conhecimentos a partir das dinâmicas culturais situadas no tempo e espaço desta pesquisa. A escolha por uma revisão narrativa para esta aproximação entre o suicídio e o campo da sociologia se deve ao fato de que esta proporciona ao autor selecionar autores de sua escolha e proceder a discussão/análise.

Além disso, esta revisão narrativa estabelece como critério o conceito de materialismo histórico-dialético, no sentido de que, ao escolher autores/as para compor o texto, há tanto uma escolha situada historicamente quanto uma escolha político-ideológica bem demarcada com a transformação social, tal qual propunha Marx. Pacífico (2019, p.222) assinala que:

A contribuição marxiana para pensar o suicídio no Brasil contemporâneo

Há ainda a necessidade, por parte do pesquisador, de alinhar sua perspectiva ideológica com sua metodologia, tendo em vista o fato de que a escolha de um implica necessariamente na escolha do outro. As lentes da teoria implicam na escolha dos instrumentos de análise dos objetos, em um conjunto que deve primar pela sua organicidade.

Isto implica, no presente texto, em considerar as condições materiais, históricas e dialéticas para se pensar uma realidade específica, qual seja, a realidade do suicídio no Brasil contemporâneo. Embora este texto apresente dois outros autores (Martineau e Durkheim), o foco é em Marx e suas contribuições para o momento atual do Brasil, sendo com este autor que é estabelecido um diálogo maior.

À guisa de introdução aos estudos do suicídio: Martineau e Durkheim

Durkheim (2019) frequentemente é tido como o pai da Sociologia e dos Estudos sobre o suicídio. Todavia, antes dele já havia a produção teórica de Harriet Martineau (1802 - 1876), que versava sobre temas semelhantes aos que Durkheim iria tratar, inclusive o suicídio (em texto de 1838) e o texto de Marx sobre o suicídio, que data de 1846. Assim, temporalmente tem-se a seguinte ordem na produção teórica destes autores sobre o suicídio:

- Martineau – 1838;
- Marx – 1846;
- Durkheim – 1897.

Miguel (2017) mostra Martineau como a primeira mulher socióloga, embora haja também a discussão sobre ela ser a fundadora da Sociologia. Neste debate, Miguel assinala que questões de gênero estão envolvidas no apagamento dela nesta historiografia. As justificativas estão rodeadas de preconceito, sexismo e que reforçam a desigualdade de gênero: “ela não era teórica o suficiente, sua escrita não era refinada o suficiente, que ela era intuitiva demais e insuficientemente analítica. As formas de desqualificá-la são impregnadas de estereótipos de gênero” (MIGUEL, 2017, p.25).

Ela já estava discutindo, com maior ou menor profundidade, os temas que outros clássicos viriam a discutir. Nesta conta, está CSOnline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais – nº41 (2025).

a discussão sobre o suicídio que ela fez. Antes de situar o suicídio, se faz necessário situar a obra dela, intitulada “*Como observar a moral e os costumes*”, de 1838, na qual ela apresenta uma série de orientações aos viajantes da época, para que não fossem preconceituosos com as culturas nas quais estavam se inserindo. Destarte, ela apresentou nesta obra, orientações e instrumentos para que fossem realizadas observações da moral e dos costumes das culturas.

Era objetivo dela indicar e orientar uma coleta de dados mais neutra, isenta de preconceitos, ausentes de julgamentos morais e valorativos que eram comuns em sua época. Estas indicações, inclusive antecipam as discussões que Durkheim irá fazer alguns anos depois. Dentre as orientações estava a de treinar o olhar para analisar a realidade pesquisada, e por olhar, aqui entende-se um cuidado com os preconceitos, uma vez que estes impediriam o viajante de analisar as terras, as paisagens, as culturas, lugares e pessoas, com olhos neutros e imparciais.

Um fato interessante sobre Martineau é que ela orientava os viajantes a analisarem cada sociedade/cultura com base em suas próprias construções sociais, em seus próprios grupos de sentido, sem hierarquizar culturas. Outro ponto é o de que ela era enfática na orientação de se buscar os estudos anteriores sobre o tema (MIGUEL, 2017).

Sobre o suicídio, Martineau vai analisá-lo sob o viés das religiões, em sua vertente mais social e apresentando a temática como importante a ser investigada pelo viajante. Afirmar que: “A prática do suicídio é digna da contemplação de um viajante, tanto proporcionando algumas indicações claras quanto ao sentimento religioso. O suicídio é aqui entendido em um sentido amplo – a entrega voluntária da vida por alguma causa” (MARTINEAU, [1838]/2021, p.113).

Martineau toma o suicídio para analisar a moral religiosa, trata-o como tema importante a ser investigado e mostra o sentimento religioso presente no ato. Utiliza os termos autoassassinato ou autodestruição (termos hoje em desuso) e os vincula à religião e seu capítulo que fala sobre suicídio redonda de referências religiosas. Afirmar ela que:

Toda sociedade tem seus suicídios, e muito pode ser aprendido de seu caráter e número, tanto para as noções sobre morais que prevalecem, quanto o sentimento religioso que anima para ou controla o ato” (...) Nações compartilham diferenças como essas [exemplos citados no parágrafo anterior], de acordo com seu

A contribuição marxiana para pensar o suicídio no Brasil contemporâneo

sentimento religioso prevalecente; e dessas espécies de atos pode o sentimento ser mais ou menos corretamente inferido (MARTINEAU, 2021, p.114-115).

Para ela, cada suicídio conta um conto nacional e indica ainda um estado prevalecente. Suas ideias colocam a religião como centro, como importante para engendrar o suicídio e o sentimento religioso, qualquer que seja ele, qualquer que seja a cultura é que determinará as faces que o suicídio terá naquela cultura.

Passando agora a Durkheim (1858 - 1917), que teve como objetivo maior de sua obra, prover a Sociologia de um método de análise que a diferenciasses das demais ciências, sobretudo das ciências naturais. A sua obra foi pioneira sob muitas vertentes: aprofundando estudos sobre religião, sobre suicídio (sobre o qual criou um verdadeiro Tratado) e sobre o individualismo na sociedade moderna (SELL, 2010). Foi fundador da Escola Sociológica Francesa e escreveu vários livros, dentre eles *“As regras do método sociológico”* (1895) e *“O suicídio: Estudo de Sociologia”* (1897). Esta última obra traz taxas e estatísticas sobre o suicídio pela primeira vez para estudar aprofundada e sistematicamente o tema.

Para Durkheim, o suicídio é um fato social, definição esta que aparece n’ *“As regras do método sociológico”*, da seguinte forma: “na realidade, há em toda sociedade um grupo determinado de fenômenos que se distinguem por caracteres definidos daqueles que as outras ciências da natureza estudam” (DURKHEIM, [1885]/1999, p.1). Posteriormente, complementa dizendo que é: “uma ordem de fatos com características muito especiais: consistem em maneiras de agir, de pensar e de sentir, exteriores ao indivíduo, e que são dotadas de um poder de coerção em virtude do qual esses fatos se impõem a ele” (DURKHEIM, [1885]/1999, p.3). É o fato social que funda a Sociologia – logo, é a partir dessa ótica que lança seu olhar sobre a discussão do suicídio.

O suicídio, para esse autor, também tem uma função dentro das sociedades, haja vista as taxas e estatísticas ao longo dos anos se manterem mais ou menos estáveis: cada sociedade tem sua cota de suicídios. Para ele há quatro tipos: altruísta, anômico, egoísta e fatalista; este último quase sem importância na referida obra durkheimiana.

Nesse sentido, nota-se que as perspectivas de Durkheim têm uma forte determinação social, indo de encontro à outras visões existentes à época, que colocavam o suicídio como CSOnline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais – nº41 (2025).

imitação ou como determinado por causas psicológicas/psicopatológicas/psiquiátricas. Com a divisão do suicídio em quatro subtipos, Durkheim introduz nas Ciências Sociais um esquema explicativo em que faz uso de estatísticas sobre variáveis diversas tais como sexo, idade, raça, estado civil, local de residência, credo religioso... (DOMINGUES, 2004⁴ *apud* MASSELA, 2005), passando de uma descrição para uma interpretação dos dados.

Durkheim ([1897]/2019) articula os tipos de suicídio à regulação e à integração sociais, podendo significar um afrouxamento ou acirramento da estrutura social, mostrando com isso que a ação do Estado e de forças sociais, políticas, econômicas e históricas são determinantes para o suicídio. O livro de Durkheim se tornou referência quase que obrigatória para quem estuda suicídio, sendo quase que impossível não o citar. Isso porque inova na metodologia de pesquisa do suicídio, articula-o a conceitos outros tais como integração social, regulação social, fato social, etc., apresenta o uso da estatística e muito do que fazemos hoje na pesquisa do suicídio advém dele, tais como analisar raça/cor e a dimensão temporal do ciclo vital.

Tendo apresentado as principais contribuições destes autores, passemos às contribuições de Marx ao estudo do suicídio.

Um desvio no caminho de marx: seu estudo do suicídio

Ao voltarmos nosso olhar à obra “*Sobre o suicídio*”, de Karl Marx (1818 - 1883), notamos que ela permaneceu, durante muito tempo, quase esquecida. É um texto curto, escrito em 1846, contando primeiramente com edições em inglês, francês e alemão. A versão brasileira data de 2006 e há poucas traduções dele, mesmo para os outros idiomas citados (JINKINGS, 2006).

Conforme dito, o texto é curto e se diferencia dos demais escritos marxianos tanto em estrutura, quantidade de páginas, quanto em temáticas. Se em outros textos ele se propõe a discutir a formação econômica e material ao longo da história ou a dinâmica dos modos e meios de produção, neste texto ele busca fazer uma análise do suicídio relacionando-o sobretudo a questões de gênero. Löwy (2006, p.13/14) assinala que “*Sobre o suicídio*” é muito diferente do

⁴DOMINGUES, Ivan. *Epistemologia das Ciências Humanas* (Tomo I: Positivismo e Hermenêutica; Durkheim e Weber). São Paulo: Edições Loyola, 2004.
CSOnline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais – nº41 (2026).

A contribuição marxiana para pensar o suicídio no Brasil contemporâneo

restante da obra de Marx e mostra o porquê:

1) Não se trata de uma peça escrita pelo próprio Marx, mas composta, em grande parte, de excertos, traduzidos ao alemão, de outro autor. Marx tinha o hábito de preencher seus cadernos de notas com excertos desse tipo, mas jamais os publicou, e menos ainda sob sua própria assinatura. 2) O autor escolhido, Jacques Peuchet, não era economista, historiador, filósofo, nem socialista, e sim um antigo diretor dos Arquivos da Polícia sob a Restauração! 3) O texto do qual foram selecionados os excertos não é uma obra científica, mas uma coleção informal de incidentes e episódios, seguidos de alguns comentários. 4) O tema do artigo não concerne ao que habitualmente se considera esfera econômica ou política, mas à vida privada: o suicídio. 5) A principal questão social discutida em relação ao suicídio é a opressão das mulheres nas sociedades modernas.

Para analisar o suicídio, Marx toma como referência o texto "*Mémoires tirés des archives de la police de Paris*", de Jacques Peuchet (1758 - 1830). O texto foi publicado em 1838, mesmo ano em que Harriet Martineau fez sua publicação sobre religião e suicídio. Peuchet era descrito por Marx da seguinte forma: "Jacques Peuchet (nascido em 1760⁵) passou das belas-letas para a medicina, da medicina para a jurisprudência, da jurisprudência para a administração e para a especialidade policial", tendo trabalhado também na edição de jornais e na política, como membro do partido monarquista.

No texto marxiano, temos uma edição comentada de excertos das "*Mémoires...*". Peuchet escreveu este texto já idoso e o livro consta de informações aleatórias sobre seu tempo na polícia, escrevendo suas memórias sobre diversos temas. Marx se interessou sobre o capítulo sobre o suicídio haja vista este fazer uma intensa crítica social. Há no texto 8 casos de suicídio, sendo eles:

- O primeiro caso é o de uma jovem desonrada pelo sexo antes de se casar, sem suporte familiar, se joga então ao rio;
- O segundo é o de uma mulher casada, com um marido fisicamente deformado, que se joga ao rio devido ciúmes que o marido nutria por ela. Sobre este caso, Marx (2006, p.41) fala que: "o ciumento é antes de tudo um proprietário privado" (Marx, 2006, p.41).

⁵A data correta é 1758, correção esta feita na Apresentação da edição brasileira de 2006, de "*Sobre o suicídio*".

A contribuição marxiana para pensar o suicídio no Brasil contemporâneo

- O terceiro caso é o de um homem que morre por suicídio por questões financeiras e tido como covardia, pois não defendeu sua honra. Este caso é apenas citado, não discutido;
- O quarto caso é o de uma mulher grávida que procura ajuda médica para realizar um aborto e tendo uma resposta negativa, comete suicídio.
- O quinto caso é o de um homem que, demitido e sem conseguir sustentar sua família, então, suicida;
- Nas notas de fim do texto, temos mais três casos: uma mulher que suicida por intensos conflitos familiares e por situação econômica difícil;
- Uma mulher em conflito com o marido e apaixonada por outro, se mata.
- E o último, de um homem, arruinado, que se mata.

Os casos, todos, refletem questões sociais, apresentando uma interface do público com o privado. Assim, se articulam questões subjetivas, psicopatológicas, emocionais com questões sociais ampliadas, tais como: miséria/pobreza, clima rigoroso, solidão dos sujeitos, moral social repressora, a questão da propriedade, dentre outros. No texto há uma continuidade entre as ideias de Peuchet e Marx, os enxertos daquele são apresentados e discutidos por este, como se fossem um único autor, porém, neste diálogo no livro são marcados em negrito e itálico os comentários de Marx, suas impressões e considerações.

Em ambos os textos ("*Mémoires...*" e "*Sobre o suicídio*") há uma forte crítica social que se embasa na crítica social francesa. Löwy (2006) se questionando sobre o porquê de Marx ter escolhido Peuchet para este diálogo, assinala que:

Um primeiro argumento para explicar essa escolha é sugerido pelo próprio Marx na introdução aos excertos: o valor da crítica social francesa às condições de vida modernas, sobretudo às relações privadas de propriedade e às relações familiares – “em uma palavra, à vida privada”. Para empregar uma expressão atual, desconhecida de Marx: uma crítica social inspirada na compreensão de que *o privado é político* (LÖWY, 2006, p.15, grifo meu).

(...)

O interesse de Marx pelo capítulo de Peuchet recaiu menos sobre a questão do suicídio como tal e mais sobre sua *crítica radical da sociedade burguesa* como forma de vida “antinatural” (fórmula proposta pelo próprio Marx em sua introdução). O

A contribuição marxiana para pensar o suicídio no Brasil contemporâneo

suicídio é significativo, tanto para Marx como para Peuchet, sobretudo como sintoma de uma sociedade doente, que necessita de uma transformação radical. A sociedade moderna, escreve Marx citando Peuchet, que por sua vez cita Jean-Jacques Rousseau, é um deserto, habitado por bestas selvagens. Cada indivíduo está isolado dos demais, é um entre milhões, numa espécie de solidão em massa (LÖWY, 2006, p.15/16, grifo do autor).

Marx escolheu o suicídio em Peuchet porque a vida privada diz também da vida pública, e nele se articulam problemas sociais de diversas ordens tais como a solidão enquanto sintoma social, havendo uma “relação de hostilidade mútua” (MARX, 2006, p.16), permeados por um “contexto social que explica o desespero e o suicídio” (p.16).

Em Marx vemos o suicídio referido a condições sociais mais amplas, a um substrato teórico ampliado, em que miséria/pobreza, propriedade, relações sociais, etc. se mesclam à questões de gênero, sendo estas últimas prevaletentes nos casos que ele apresenta: “Com efeito, esse texto de Marx é uma das *mais poderosas peças de acusação à opressão contra as mulheres* já publicadas” (LÖWY, 2006, p.18, grifos do autor) e “o destino delas fora selado mais pelo seu gênero do que por sua classe social” (LÖWY, 2006, p.18).

Para finalizar esta discussão, é importante refletir sobre uma citação de Peuchet, constante no texto marxiano, no qual ele mostra qual a questão que o inquietava quanto ao suicídio: “Nos cargos que ocupei na administração da polícia, os casos de suicídio entravam no âmbito de minhas atribuições; eu queria saber se entre suas causas determinantes não poderiam ser encontradas algumas cujo desfecho se poderia prevenir”, sendo esta inquietação com as formas possíveis de prevenção do suicídio. Peuchet queria que as mortes por suicídio fossem em menor número e daí se questionou se eram possíveis de serem prevenidos, tema este que merece por si só diversas produções acadêmicas.

Situando o suicídio na realidade brasileira

O suicídio, como dito na introdução, é uma realidade global e um problema de saúde pública. Lima (2022, p. 101) mostra que o suicídio atinge com maior alcance populações vulnerabilizadas, como são apresentados a seguir:

A contribuição marxiana para pensar o suicídio no Brasil contemporâneo

Retrato da vida deteriorada, destacam-se os suicídios nas populações vulnerabilizadas: 79% da carga global de suicídios ocorrem em países de baixa e média renda. Se designados os jovens, esses dados crescem para 90%. (World Health Organization, 2019⁶) No Brasil, as notificações de tentativas de suicídio estão concentradas na população com idade economicamente ativa, no entanto, a maior proporção ocorreu entre as pessoas que estavam desempregadas. (Brasil, 2019⁷) Em território nacional, a taxa geral padronizada entre a população indígena é três vezes maior do que a população geral (Brasil, 2017⁸), ademais, os jovens negros têm risco aumentado de 45% de morte autoprovocada quando comparado aos jovens brancos. (Brasil, 2018⁹) No que tange à identidade de gênero e orientação sexual dissidentes, os dados epidemiológicos são raros, em especial pela invisibilidade desses marcadores nas fichas de notificação. Uma fonte importante é o Relatório de 2018, do Grupo Gay da Bahia, que indica que a cada 19 horas uma pessoa da comunidade de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, Queer, Intersexuais, Assexuais (LGBTQIA+) é vítima de assassinato ou suicídio.

No Brasil, foi lançado o Boletim Epidemiológico, em 2017, um importante referencial para dados de suicídio no país. O Boletim Epidemiológico *"Panorama dos suicídios e lesões autoprovocadas no Brasil de 2010 a 2021"*, do Ministério da Saúde, mostra o suicídio como problema de saúde pública, sendo o Brasil o 155º país (de um total de 214 países) em número de mortes por suicídio, sendo que tendem a acontecer em sua maioria em países de média e baixa renda. De acordo com o Boletim:

Embora o Brasil não apresente taxas elevadas de suicídio em um contexto global, é preocupante a tendência crescente de mortalidade por essa causa no país. Um estudo sobre as tendências de mortalidade por doenças e agravos não transmissíveis de 2000 a 2018 revelou um crescimento médio anual de 1,4% nas taxas de suicídio. Entretanto, a partir de 2014 essa tendência de aumento se acentuou, registrando um incremento de 3,2% ao ano. Em 2019, o suicídio foi identificado como a quarta principal causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos globalmente, suplantado apenas por lesões no trânsito,

⁶WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Suicide in the world: global health estimates*. World Health Organization, 2019.

⁷BRASIL. Ministério da Saúde. *Suicídio: saber agir e prevenir: boletim epidemiológico*. Brasília: DF: Ministério da Saúde, 2019. v.49

⁸BRASIL. Ministério da Saúde. *Suicídio: saber agir e prevenir: boletim epidemiológico*. Brasília: DF: Ministério da Saúde, 2019. v.48

⁹BRASIL. Ministério da Saúde. *Óbitos por suicídio entre adolescentes e jovens negros 2012 a 2016*. Brasília: DF: Ministério da Saúde, 2018.

CSOnline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais – nº41 (2026).

A contribuição marxiana para pensar o suicídio no Brasil contemporâneo

tuberculose e violências interpessoais. No contexto brasileiro, o Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM) aponta o suicídio como a segunda principal causa de mortes de adolescentes de 15 a 19 anos e como a quarta principal entre jovens de 20 a 29 anos. (BRASIL, 2024, p.1).

Ou seja, os dados apresentados acima, com Lima (2022) e Brasil (2024), mostram uma realidade em que o suicídio ainda se faz presente, sobretudo entre populações vulnerabilizadas e/ou invisíveis, como é o caso das pessoas LGBTQIAPN+, especialmente a população trans, populações de baixa e média renda, desempregados/as, população indígena, jovens negros/as... Estas populações passam por preconceitos, estereótipos, vulnerabilizações, que se constituem todas em fatores de risco para o suicídio. Pereira, Dutra-Thomé e Koller (2016, p.270) definem fatores de risco da seguinte maneira: “Os fatores de risco constituem eventos e características negativas da vida das pessoas, e sua presença aumenta as chances de problemas físicos, emocionais e sociais se manifestarem”. Isso implica em dizer que as condições sociais citadas acima geram um contexto mais do que favorável ao suicídio, são também impulsionadores para ele.

Tais afirmações dialogam com Marx (2006) na medida em que este ia na contramão de todos estes fatores sociais, denunciando-os e criticando-os de maneira ferrenha, como se viu acima. Marx discutiu questões sociais, sobretudo questões de gênero, de forma enfática, apresentando críticas pertinentes. Löwy (2006, p.16) apresenta um Marx preocupado com a articulação do privado com o político, preocupado com a solidão social que assolava sua época, mostrando o suicídio como um “sintoma de uma sociedade doente, que necessita de uma transformação radical”. Transformação esta que ele teorizou e incentivou com afinco em movimentos políticos e militância.

Lima (2022, p.96) mostra que “a ideia de modernidade, adjacente ao colonialismo, é correspondente à ideia de desigualdade” e que “as distribuições desiguais, inclusive entre as possibilidades de viver e do morrer foram alicerces da experiência colonial”, que nos assola até hoje. Para ela a necropolítica e o neoliberalismo engendram uma sociedade favorecedora do suicídio:

...a desesperança é um projeto político.

O funcionamento neoliberal “exitoso” ergue no tecido social uma

CSOnline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais – nº41 (2025).

A contribuição marxiana para pensar o suicídio no Brasil contemporâneo

racionalidade econômica ou uma economia subjetiva em que indivíduos perdem o lugar de mobilizadores de conflitos e passam a reproduzir a lógica empresarial, atuando como empreendedores de si. (DARDOT; LAVAL, 2016)¹⁰. (LIMA, 2022, p.103).

Como se percebe, o suicídio é determinado por questões sociais mescladas às questões subjetivas. Estas por sua vez contam com substrato social, uma vez que as subjetividades estão ancoradas no horizonte de seu tempo. Assim é que uma época neoliberal, que tem a desesperança como projeto político e que torna os sujeitos “empreendedores de si”, longe das suas vinculações sociais, é uma época favorecedora do suicídio. Esta denúncia/crítica está presente em Marx também, que marca o caráter social do suicídio. Segundo ele: “A crítica francesa da sociedade tem, em parte, pelo menos a grande vantagem de ter apontado as contradições e os contrassensos da vida moderna (...)” (MARX, 2006, p.21).

Finalizando seu texto, Marx afirma que:

*O suicídio elimina a pior parte da dificuldade, o cadafalso ocupa-se com o resto. Somente com uma reforma de nosso sistema geral de agricultura e indústria pode-se esperar por fontes de recursos e por uma verdadeira riqueza*¹¹. Nos pergaminhos, podemos facilmente proclamar constituições, o direito de todo cidadão à educação, ao trabalho e, sobretudo, a um mínimo de meios de subsistência. Mas, com isso, não se fez tudo; ao se escreverem esses desejos generosos sobre o papel, persiste a verdadeira tarefa de fazer frutificar essas ideias liberais por meio de instituições materiais e inteligentes, por meio de instituições sociais. (MARX, 2006, p.50).

Disto depreendemos que Marx almejava uma transformação social radical para que os problemas sociais, inclusive o suicídio, fossem mitigados. Estes aspectos citados: trabalho digno, educação, meios de subsistência, diminuição das desigualdades de gênero, se constituem em fatores protetivos ao suicídio, sendo que podemos defini-los da seguinte forma:

Fatores de proteção são características intrínsecas (como autoestima e autoeficácia) ou extrínsecas (como a relação com amigos, familiares, rede de apoio) que a fortalecem e lhe dão suporte para lidar com situações problema. Estes fatores não

¹⁰DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

¹¹Texto em itálico: trecho de Peuchet. Restante do parágrafo: comentários de Marx. CSOnline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais – nº41 (2026).

A contribuição marxiana para pensar o suicídio no Brasil contemporâneo

atuam isoladamente, mas interagem entre si para auxiliar na alteração do comportamento da pessoa, desenvolvendo uma experiência de proteção às situações de risco e auxiliando na solução dos problemas (PEREIRA; DUTRA-THOMÉ; KOLLER, 2016, p.270).

A ideia é atuar socialmente para aumentar fatores de proteção e diminuir fatores de risco, na tentativa de evitar suicídios. Isso feito de maneira socialmente articulada com os aspectos privados, uma vez que ambos se interrelacionam e influenciam mutuamente. Neste sentido, de alternativas sociais, há no Brasil serviços de ajuda, de apoio a quem apresenta ideias de suicídio, ou planejamento/tentativa, que é o Centro de Valorização da Vida – CVV (MARTINS, 2021). Em seu trabalho ela estuda também o SOS Voz Amiga, de Portugal, mostrando semelhanças com o CVV brasileiro. O trabalho de Martins (2021) se constitui também em fator protetivo, uma vez que busca a prevenção do suicídio, propondo uma relação de ajuda baseada em Carl Rogers e pode-se dizer que o presente artigo também cumpre a mesma função, na medida em que busca apresentar a temática a partir de autores clássicos e contemporâneos e ser um suleador para reflexões futuras.

Conclusão

Este trabalho pretendeu compreender e discutir o suicídio na sociedade brasileira, partindo de uma referência não tão estudada sobre o tema que é *“Sobre o suicídio”*, obra de 1846. Esta empreitada foi executada a termo, na medida em que foi possível apresentar duas referências clássicas, próximas historicamente a Marx, que também discutiram o suicídio e apresentar a obra marxiana, em que ele discute as mazelas sociais articuladas ao suicídio. Por se tratar de uma revisão introdutória, o trabalho ainda apresenta lacunas e abre espaço para novos questionamentos e investigações a partir dessas primeiras aproximações feitas, como por exemplo: fazer uma revisão sistemática futura, produzir outras metodologias, com outras técnicas de análise; para que assim, o objeto suicídio seja mais discutido no campo da sociologia.

A partir das leituras e discussões com Martineau e Durkheim, nota-se que, para produzir conhecimento, reflexões e ações vinculadas ao suicídio no contemporâneo, se faz necessário compreender a sua dimensão multifatorial diante das simbologias sociais estudadas por Martineau, ao pontuar as

CSOnline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais – nº41 (2025).

dimensões da religião e a entrega voluntária ao sagrado; e compreender a possibilidade durkheimiana de sistematização dos quatro tipos de suicídio (altruísta, anômico, egoísta e fatalista), bem como suas implicações. Marx também está inserido nestas discussões e apresenta diversas contribuições, sendo possível perceber que ele não vai de encontro ao saber de sua época e sim, há o estabelecimento de pontos de concordância que possibilitam uma leitura conjunta dos três, como realizado aqui.

Marx não foi totalmente inovador em sua leitura, uma vez que já se falava sobre o tema, mas traz uma contribuição significativa, qual seja relacionar o suicídio a fatores privados e políticos; mostrar a importância das condições sociais para o engendramento do suicídio, sobretudo as questões de gênero e, por fim, mostrar, com Peuchet, que é possível pensar em formas de enfrentamento ao suicídio, mediante prevenção e ampliação de fatores protetivos.

Com estes três autores é possível perceber a complexidade do tema, as múltiplas possibilidades de estudá-lo e a presença de variáveis comuns, tais como a determinação social presente no suicídio para a Sociologia. Contudo, vale ressaltar que, as discussões sobre o suicídio ainda carecem de mais estudos, aprofundamentos, produções e políticas públicas, pois este é um tema denso e, mesmo dentre o acervo teórico apresentado, ainda se percebe uma lacuna significativa acerca deste objeto mesmo não sendo este um fenômeno recente.

Pensar o suicídio na realidade brasileira, sob um viés marxiano, é mostrar que o mesmo tem causalidade social, engendrado por situações de vulnerabilidade, de violências, de desigualdades. Não à toa jovens LGBTQIAPN+, pessoas negras, pessoas indígenas e pessoas em situação de vulnerabilidade socioeconômica estão mais propensas ao suicídio. Na ausência de políticas públicas, o panorama se torna ainda mais nefasto. É preciso pensar como Marx, na possibilidade de enfrentamento a esta realidade social. Retomando o Boletim Epidemiológico “*Panorama dos suicídios e lesões autoprovocadas no Brasil de 2010 a 2021*” (BRASIL, 2024), é mister intervir nas situações apresentadas para minorar a situação e evitar seu agravamento.

Um exercício interessante a se fazer é o de comparar os três autores clássicos citados: Martineau, Durkheim e Marx, exercício este não realizado neste artigo e que permanece como lacuna a ser sanada em trabalhos posteriores. Outra possibilidade de discussão é tomar Marx para analisar

A contribuição marxiana para pensar o suicídio no Brasil contemporâneo

situações sociais específicas tais como o suicídio da população LGBTQIAPN+ ou de pessoas negras. Para finalizar este artigo, apresenta-se uma referência musical, que também fala das condições sociais que produzem suicídios, atestando o preconizado por Marx: o pessoal/privado é político.

Amou daquela vez como se fosse a última
Beijou sua mulher como se fosse a última
E cada filho seu como se fosse o único
E atravessou a rua com seu passo tímido

Subiu a construção como se fosse máquina
Ergueu no patamar quatro paredes sólidas
Tijolo com tijolo num desenho mágico
Seus olhos embotados de cimento e lágrima

Sentou pra descansar como se fosse sábado
Comeu feijão com arroz como se fosse um príncipe
Bebeu e soluçou como se fosse um náufrago
Dançou e gargalhou como se ouvisse música

E tropeçou no céu como se fosse um bêbado
E flutuou no ar como se fosse um pássaro
E se acabou no chão feito um pacote flácido
Agonizou no meio do passeio público
Morreu na contramão atrapalhando o tráfego

(Construção, Chico Buarque, 1971)

Referências

ABREU, Kelly Piacheski de; LIMA, Maria Alice Dias da Silva; KOHLRAUSCH, Eglê Rejane; SOARES, Joannie dos Santos Fachinelli. Comportamento suicida: fatores de risco e intervenções preventivas. Revista Eletrônica de Enfermagem. Goiânia. Vol. 12, n. 1 (2010), p. 195-200, 2010. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/85271> Acesso em: 22.dez.2025

BRASIL. Boletim Epidemiológico Vol.55, nº4 – 2024 (Panorama dos suicídios e lesões autoprovocadas no Brasil de 2010 a 2021, Ministério da Saúde, 2024.

CSOnline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais – nº41 (2025).

A contribuição marxiana para pensar o suicídio no Brasil contemporâneo

BUARQUE, Chico. Construção. In: Construção. Rio de Janeiro: Philips, 1971. 1 faixa sonora. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=suia_j5dEZc&list=RDsuia_j5dEZc&start_radio=1 Acesso em: 17.jan.2026

DURKHEIM, Émile. As regras do método sociológico. São Paulo: Martins Fontes, [1895]/1999.

_____. O Suicídio: Estudo de Sociologia. 3.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, [1897]/2019.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. Revista de Administração de Empresas. São Paulo, v.35, n.3, p.20-29, Mai./Jun.1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/ZX4cTGrqYfVhr7LvVyDBgdb/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 15.jan.2026.

JINKINGS, Ivana. Apresentação. In.: MARX, Karl. Sobre o suicídio. São Paulo: Boitempo, 2006.

LIMA, Luana. Suicídio como um ethos do neoliberalismo? In.: LIMA, Luana; NAVASCONI, Paulo Vitor Palma. (Re)Pensando o suicídio: Subjetividades, interseccionalidade e saberes pluriepistêmicos. Salvador: EDUFBA, 2022. p.95-126.

LÖWY, Michael. Um Marx insólito. In: MARX, Karl. Sobre o suicídio. São Paulo: Boitempo, 2006.

MACHO, Thomas. Suicídios na escola. In.: _____. Tirar a vida: suicídio na modernidade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2021. p.135-166.

MARTINEAU, Harriet. Como observar: morais e costumes. Governador Valadares – MG: Fernanda Henrique Cupertino Alcântara, [1838]/2021.

MARTINS, Isis Ribeiro. Prevenção do suicídio em serviços de apoio emocional: uma breve reflexão sobre a relação de ajuda. CSONLINE (UFJF), v. 1, p. 115-129, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/csonline/article/view/31642> Acesso em: 02.abr.2024.

MARTINS, Heloísa Helena T. de Souza. Metodologia qualitativa de pesquisa. Educação e Pesquisa. São Paulo, v. 30, n. 2, 2004. p. 289-300.

MARX, Karl. Sobre o suicídio. São Paulo: Boitempo, 2006.

MIGUEL, Lorena Marina dos Santos. Harriet Martineau: a contribuição esquecida da primeira socióloga. Cadernos de Estudos Sociais e Políticos, Rio de Janeiro, v. 16, n. 11, p. 17-28, 2017. Dossiê Clássicas. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/CESP/article/view/32864> Acesso em 18.mar.2024

MINOIS, George. História do suicídio: a sociedade ocidental diante da morte voluntária. São Paulo: Editora UNESP, 2018.

PACÍFICO, Marsiel. Materialismo histórico-dialético: gênese e sentidos do método. Argumentos, ano 11, n.21, Fortaleza, jan./jun.2019.

CSONline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais – nº41 (2026).

A contribuição marxiana para pensar o suicídio no Brasil contemporâneo

PEREIRA, Anderson Siqueira; DUTRA-THOMÉ, Luciana; KOLLER, Silvia Helena. Habilidades sociais e fatores de risco e proteção na adultez emergente. *Psico*, v. 47, n. 4, p. 268-278, 2016. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistapsico/article/view/23398> Acesso em: 17.jan.2026

PRATS, Luís. Aspectos culturais do suicídio. *Psicologia*, v. 5, n. 2, p. 181-187, 1987. Disponível em: <https://revista.appsicologia.org/index.php/rpsicologia/article/view/841> Acesso em: 01.out.2025

ROTHER, Edna Terezinha. Editorial: Revisão Sistemática X Revisão Narrativa. *Acta Paul Enferm.* 2007; 20 (2). Disponível em: Acesso em: 15.jan.2026.

SELL, Carlos Eduardo. *Sociologia Clássica*. Petrópolis: Vozes, 2010.

TAVARES, Leonora de Jesus Mendes; PEREIRA, Álvaro Itaúna Schalcher; RIBEIRO, Francisco Adelson Alves. Mapeamento sistemático de produções científica sobre a violência autoinflingida. *Revista LABOR*, Fortaleza, v. 2, n. 24, p. 526-551, jul./dez. 2020. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/63786/1/2020_art_ljmtavaresaispeira.pdf Acesso em: 05.dez.2022.

WORLD HEALTH ORGANIZATION - WHO. Preventing suicide: a global imperative. Geneva: World Health Organization; 2014. 92p.